



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE

VIOLÊNCIA BIDIRECIONAL: PREDITORES DA SATISFAÇÃO CONJUGAL

Dissertação de Mestrado apresentada a provas publicas para a obtenção do grau de mestre
em Psicologia Forense, orientada por Professora Doutora Andreia Machado e Professora
Doutora Carolina da Motta

Leonor Gonçalves Félix

2023

www.ulusofona.pt

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA
ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA
MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE

**VIOLÊNCIA BIDIRECIONAL: PREDITORES DA
SATISFAÇÃO CONJUGAL**

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas publicas na
Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa
no dia 12/01/2024, perante o júri, nomeado pelo
Despacho de Nomeação nº 525/2023, de 19 de dezembro
de 2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Patrícia Figueiredo

Arguente: Prof.^a Doutora Carla Antunes

Orientador: Prof.^a Doutora Andreia Machado

Este trabalho também foi orientado por Prof.^a Doutora
Carolina da Motta.

Leonor Gonçalves Félix

2023

Agradecimentos

Aos meus pais, à minha irmã e aos meus sobrinhos, por serem o meu principal – e essencial – suporte na vida e, especialmente, nesta dissertação, o meu grande obrigada. Sem eles, não seria possível concretizar e percorrer este caminho.

Judite e a Ana, que foram o meu braço direito, não tenho como agradecer pelas infinitas horas de reunião e pelo apoio, também emocional, que me deram ao longo deste ano. Quero que saibam que, embora o caminho tenha sido difícil, tornou-se mais fácil por estarem comigo. Levo-vos para a vida.

A todos os meus amigos, que não partilharam diretamente este percurso comigo, mas estiveram sempre presentes, obrigada por estarem sempre dispostos a ouvirem os meus dilemas e acalmarem o pânico, mesmo sem saberem bem do que se tratava.

Às docentes envolvidas nesta dissertação, especialmente à Professora Andreia Machado, um profundo agradecimento, pela disponibilidade e profissionalismo presentes na supervisão. À Professora Carolina da Motta, por todo o esforço que fez em aceitar-nos como coorientandas, um obrigada pelos contributos e motivação transmitidos. Também à professora Marta Capinha, agradeço a disponibilidade e tutoria em alguns momentos da dissertação.

*If I have seen further it is by standing on the shoulders of
Giants.*

- Isaac Newton

Resumo

As relações íntimas são etapas importantes da vida humana, no entanto, muitos indivíduos são vítimas de violência. A maioria da violência é bidirecional e, um fator de risco significativo para a ocorrência de violência é a insatisfação conjugal. A satisfação conjugal é um conceito utilizado para avaliar a felicidade e a estabilidade numa relação, embora existam inúmeras variáveis que a influenciam. Este estudo teve como objetivo investigar os preditores de satisfação conjugal numa relação de intimidade pautada por violência bidirecional. A amostra do estudo foi recolhida online, e foram aplicados aos 610 participantes, o questionário sociodemográfico, a escala de táticas de conflito revista e o inventário de satisfação conjugal. Da amostra, 335 participantes reportaram violência bidirecional. O género, a idade, a parentalidade, a relação de intimidade e o estado-civil demonstraram ter relação com a satisfação conjugal. O modelo de regressão foi significativo, os casais que estão numa relação, estão mais satisfeitos, bem como, os casais que sofrem menos violência. É improtelável a exploração da satisfação conjugal dentro de uma relação violenta, a uniformização dos conceitos e a exploração dos preditores que lhe podem estar associados, levando os indivíduos a manterem-se na relação. Implicações práticas e estudos futuros são contempladas nesta investigação.

Palavras-chave: Casais; Violência nas relações de intimidade; Violência Bidirecional; Preditores; Satisfação conjugal.

Abstract

Intimate relationships are important stages in human life, yet many individuals are victims of violence. Most violence is bidirectional and a significant risk factor for violence is marital dissatisfaction. Marital satisfaction is a concept used to assess happiness and stability in a relationship, although there are numerous variables that influence it. The aim of this study was to investigate the predictors of marital satisfaction in an intimate relationship characterized by bidirectional violence. The study sample was collected online and 610 participants were given a sociodemographic questionnaire, the revised conflict tactics scale and the marital satisfaction inventory. Of the sample, 335 participants reported bidirectional violence. Gender, age, parenthood, intimate relationship and marital status proved to be related to marital satisfaction. The regression model was significant: couples who are in a relationship are more satisfied, as are couples who suffer less violence. The exploration of marital satisfaction within a violent relationship, the standardization of concepts and the exploration of the predictors that may be associated with it, leading individuals to remain in the relationship, is unprotected. Practical implications and future studies are contemplated in this research.

Keywords: Intimate partner violence; Bidirectional violence; Predictors; Marital satisfaction.

Índice de Abreviaturas e Siglas

CEDIC – Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica

CTS-2-R – The Revised Conflict Tactics Scale

KMSS – Kansas Marital Satisfaction Scale

NISVC – National Intimate Partner Violence and Sexual Violence Survey

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

RS – Revisão Sistemática

SC – Satisfação Conjugal

VB – Violência Bidirecional

VU – Violência Unidirecional

VRI – Violência nas Relações de Intimidade

WHO – World Health Organization

Índice

Introdução	6
Violência nas Relações de Intimidade	6
Violência Bidirecional.....	8
Satisfação Conjugal.....	9
Preditores da Satisfação Conjugal.....	10
Pertinência e Objetivos do Estudo	12
Metodologia	13
Amostra	14
Instrumentos	16
Procedimento.....	18
Análise de Dados.....	19
Resultados.....	20
Discussão	23
Limitações	28
Implicações Práticas.....	29
Estudos Futuros	31
Bibliografia de Referência.....	33

Introdução

Violência nas Relações de Intimidade

A violência nas relações de intimidade (VRI) é um problema de saúde pública que ultrapassa fronteiras socioeconômicas, culturais, étnicas, religiosas, de gênero e idade (Sant’Anna & Penso, 2018; Santos & Caridade, 2017; World Health Organization [WHO], 2021). Esta consiste em qualquer ação numa relação de intimidade que provoque intencionalmente dano físico, sexual ou psicológico no parceiro íntimo atual ou anterior (Bates, 2019; Dokkedahl et al., 2019; Silva, 2022; Vasconcelos, 2022; WHO, 2017).

Inicialmente, a VRI era conceptualizada como unidirecional, consistindo num perpetrador, geralmente do sexo masculino, que ameaçava agredir ou agredia uma vítima, frequentemente do sexo feminino (Dobash et al., 1992; Morin, 2014; Pu et al., 2022; Richards et al., 2003). Deste modo, negligenciava-se a vitimação do homem e a perpetração de violência por parte da mulher (Bates, 2016; Capaldi et al., 2007; Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Machado et al., 2019).

Relativamente à prevalência do fenómeno, uma em cada três mulheres e um em cada quatro homens são vítimas de VRI (Mennicke & Wilke, 2015). Segundo o *National Intimate Partner Violence and Sexual Violence Survey* (NISVC), 36.4% das mulheres e 33.6% dos homens vivenciaram violência física, stalking ou contato sexual violento pelo parceiro durante a vida (Smith, 2018). Em 2022, no panorama nacional, foram verificados 30.488 casos de violência doméstica e destes 26.073 dos casos são de violência contra cônjuge ou análogo (RASI, 2022). Verificou-se ainda que 80.2% dos denunciados são homens e 72.4% das vítimas são mulheres. Sendo que, em 36.5% dos casos a vítima é o cônjuge ou companheiro (RASI, 2022).

Ao longo do tempo surgiram diversas perspectivas auxiliaram a compreensão da VRI (Burelomova et al., 2018), existindo duas que orientaram esta área: a teoria feminista e a teoria dos sociólogos da família (Dokkedahl, 2019). Estas perspectivas defendem visões contrárias sobre o papel do homem e da mulher (Archer, 2000; Laskey et al., 2019).

A teoria feminista surge nos anos 70 e foca-se nos papéis de gênero como principais responsáveis da violência (Johnson, 1995; Lawson, 2012). Esta perspectiva patriarcal e unidirecional (Kononova et al., 2019) conserva os ideais de que o homem é

mais forte do que a mulher, levando à submissão da mulher (Kononova et al., 2019), sendo a mesma perspetivada como fraca e vulnerável (Bates et al., 2019).

Contudo, Suzanne Steinmetz (1978) verificou, através dos dados da primeira Sondagem Nacional de Violência Familiar, que existiam tanto homens como mulheres vítimas. Deste modo, a conceção social da violência na intimidade, foi transformada, passando a considerar-se se era uma questão associada ao género ou compreendia outros fatores (Lawson, 2012; RakovecFelser, 2014). Neste seguimento, surge a teoria dos sociólogos da família que concetualiza a família como um espaço propício conflitos, derivado dos interesses individuais e da ausência ou fracas capacidades de utilização de estratégias para a resolução dos mesmos, recorrendo à violência (Lawson, 2012; RakovecFelser, 2014).

Porém, como consequência da evolução social, têm surgido várias tipologias de violência que demonstram que existem outros padrões de violência (Bates, 2016). Por exemplo, em 1995, Johnson criou uma tipologia de VRI que incluía 4 formas de violência. Inicialmente, existiam duas formas de violência, a *violência situacional de casal* e o *terrorismo íntimo* (Bates, 2016; Fortin, et al., 2012; Love, et al., 2020; Mennicke & Wilke, 2015; Williams & Frieze, 2005) passando mais tarde a considerar-se também a *resistência violenta* e o *controlo mútuo* (Johnson, 1995; Johnson, 2005; Johnson, 2006a). O terrorismo íntimo, associa-se às teorias feministas, adotando uma visão patriarcal e unidirecional (Bates, 2016), ou seja, à violência de um membro do casal, o controlo e o domínio sobre o parceiro (Alves, 2019; Bates, 2016; Fortin et al., 2012; Hine et al., 2022; Love et al., 2020; Johnson, 1995; Johnson, 2005; Johnson, 2006a). De outro modo, a *resistência violenta*, a *violência situacional de casal* e o *controlo mútuo*, associadas à perspetiva dos conflitos familiares, debruçam-se sobre os papéis de género, onde a violência bidirecional (VB) é considerada, podendo tanto o homem como a mulher ser perpetrador e/ou vítima (Alves, 2019; Fortin et al., 2012; Johnson, 1995; Johnson, 2005; Johnson, 2006a).

Ainda que existam diversas teorias que associam a VRI a uma questão de género, as evidências científicas recentes sugerem que tanto homens como mulheres perpetram, similarmente, violência (Capaldi et al., 2012; Giordano et al., 2016; Johnson, 2006a; Mennicke & Wilke, 2015; Robertson & Murachver, 2011), direcionando-nos para um formato de VB. Sendo comprovado pela literatura que este é o padrão mais frequente

de VRI (Hine et al., 2020a; Lascorz et al., 2020; Machado et al., 2019; Machado et al., 2023; Pu et al., 2022), tanto em casais homossexuais como heterossexuais (Lewis, 2015; Messinger, 2018; Stults et al., 2020; Wei et al., 2020).

Violência Bidirecional

Compreende-se por VB a utilização de violência por parte de ambos os parceiros numa relação de intimidade, ou seja, abrange o envolvimento de ambos os parceiros em atos de violência, numa relação de intimidade atual ou passada (Holmes et al., 2019; Palmetto et al., 2013; Straus, 2008). O conceito de VB não é um fenómeno atual (Saunders, 1986), embora continue a ser alvo de menor investigação (Dokkedahl & Elklit, 2019; Knonova et al., 2019). No que diz respeito à sua definição, importa mencionar que existem diversas designações (e.g., “violência mútua”, “violência recíproca”; Capaldi et al., 2009; Dokkedahl & Elklit, 2019; Johnson, 1995, 2005, 2006^a; Whitaker et al., 2007; Williams & Frieze, 2005). Ainda assim, mesmo que exista VB numa relação íntima, não significa que seja proporcional em termos de intensidade, frequência, duração, comportamentos e intenção (Capaldi et al., 2018; Mennicke & Wilke, 2015; Palmetto et al., 2013; Pu et al., 2022). Ou seja, embora os intervenientes possam ser perpetradores e vítimas, a violência não tem de ocorrer no mesmo momento, nem em simultâneo (Capaldi et al., 2018; Palmetto et al., 2013; Pu et al., 2022).

A VB é comumente reportada em amostras populacionais, comunitárias – mais pequenas que as anteriores –, amostras por conveniência, amostras clínicas, amostras forenses e amostras LGBTQI+. Em duas revisões sistemáticas (RS) realizadas acerca da prevalência do fenómeno, foi possível observar que a VB oscila entre 39% a 72% em diversos tipos de amostra (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012), sendo a tipologia mais prevalente nas relações íntimas (57.5%; Machado et al., 2023).

Numa investigação conduzida em 6 cidades Europeias, 10% das mulheres e 11.9% dos homens foram alegadas vítimas e/ou agressores de violência física (Costa et al., 2016; Machado et al., 2023). Nacionalmente, existe uma quantidade limitada de estudos acerca do fenómeno (Machado & Matos, 2012). Na RS de Machado e colaboradores (2023), a tipologia mais frequente foi a VB (60.3%) e, dentro desta, a mais reportada foi a violência psicológica (59.8%). Do mesmo modo, no estudo de Capinha e colaboradores (2022), a VB foi a tipologia predominante e consequentemente a violência psicológica. Particularmente na população masculina, as conclusões foram semelhantes,

sendo a VB o padrão mais frequente (73.7%), bem como a violência psicológica (Machado et al., 2019).

A VB pode provocar graves consequências que influenciam a saúde física e psíquica dos intervenientes, das famílias e da comunidade (Mennicke & Wilke, 2015; Messinger, 2018; Warmling et al., 2021), podendo resultar em lesões físicas e problemas de saúde mental (Bates, 2016; Dokkedahl & Elklit, 2019; Mennicke & Wilke, 2015; Santos & Caridade, 2017). Ainda que exista uma simetria face à perpetração e/ou vitimação da violência, relativamente às consequências, em alguns estudos, é encontrada uma dissimetria, uma vez que as mulheres são mais propensas a sofrer mais lesões e mais graves comparativamente aos homens (Mennicke & Wilke, 2015).

Satisfação Conjugal

No geral, a investigação sugere que a experiência conjugal está positivamente associada a saúde e qualidade de vida (Fincham, 2009; Neto & Féres-Carneiro, 2010; Norgren et al., 2004; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Wilhelm & Oliveira, 2011). Neste sentido, os investigadores têm estudado os fatores que influenciam a satisfação conjugal (SC; Gomes, 2020; Tavakol et al., 2017).

O bem-estar e a felicidade de um relacionamento baseiam-se, essencialmente, em três conceitos: a SC, o ajustamento conjugal e a qualidade conjugal (Mosmann et al., 2006; Tavakol et al., 2017). A SC é definida como uma avaliação subjetiva do comportamento dos cônjuges e da perceção de “sucesso” da relação (Afonso, 2018; Bradbury et al., 2000; Gomes & Sá, 2021; Graham et al., 2011). Esta constitui-se como substancial para a família, individuo e o seu bem-estar (Froyen et al., 2013; Miller et al., 2013; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Stack & Eshleman, 1998).

Quanto mais benefícios experienciados na relação, maior será a satisfação entre o casal e na relação (Baumeister & Vohs, 2007; King, 2016). Por outro lado, a qualidade geral de uma relação conjugal é, também, influenciada pela presença de violência (Capaldi et al., 2012; McKenry et al., 2006; Stephenson et al., 2011). Neste sentido, o baixo nível de SC pode estar associado à perpetração e vitimação (Barros-Gomes et al., 2019).

Preditores da Satisfação Conjugal

Por ser um construto multidimensional, variável e subjetivo (Panuzio & DiLillo, 2010; Tavakol et al., 2017), a conceptualização da SC engloba diferentes níveis (Barros, 2022; Gomes, 2020; Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Assim, existem diversos fatores que a afetam, positiva ou negativamente (Alves-Silva et al., 2016; Norgren et al., 2004; Santos & Dias-Viana, 2021; Tavakol et al., 2017). Nomeadamente, as questões contextuais, as características individuais e os comportamentos individuais (Antunes et al., 2021; Dobrowolska et al., 2020; Ferreira et al., 2015), podem influenciar a SC através da alteração dos papéis e da dinâmica familiar (Bernardi et al., 2020; Dobrowolska et al., 2020; Ferreira et al., 2015; Lehmann et al., 2015; Mitchell et al., 2015; Reeder & Hart, 2019; Tavakol et al., 2017). Neste estudo, o foco vão ser as características individuais (e.g., estado civil, idade, género, parentalidade, o estatuto socioeconómico, a situação profissional, a idade, as habilitações académicas, entre outros).

Neste sentido, em populações de níveis socioeconomicos mais baixos, as relações íntimas são, particularmente, um desafio. Neste campo, as taxas de divórcios aumentam (Bramlett & Mosher, 2002) e os níveis de satisfação diminuem (Karney & Bradbury, 2005; Maisel & Karney, 2012). Isto leva-nos à reflexão de que, quando as necessidades básicas de um casal não estão asseguradas, os cônjuges prestam menos atenção à intimidade e realização emocional, colocando em causa a SC (Dobrowolska et al., 2020; Ferreira et al., 2015; Litzinger, & Gordon, 2005; Papp et al., 2009; Tavakol et al., 2017).

Relativamente ao género, dentro da VB, predominantemente não foram encontradas diferenças significativas na SC em mulheres e homens (Curtis et al., 2015; Panuzio & DiLillo, 2010; Williams & Frieze, 2005). Ainda assim, Katz e colaboradores (2012) demonstraram que, o grau de comprometimento da mulher na relação, pode alterar a sua satisfação. Bem como, a vitimação que provoca também um decréscimo na SC da mulher (Ackerman & Field, 2011; Stith et al., 2007; Ulloa & Hammett, 2015; Williams & Frieze, 2005). Posto isto, para que a satisfação diminua em função destas questões é necessário que se reconheça como vítima, uma vez que mulheres, que não se identificam como tal, se encontram satisfeitas. Por outro lado, perpetradores – de ambos os sexos – que não identificam o comportamento como agressivo, também se encontram satisfeitos (Lascorz et al., 2020).

A parentalidade pode ter influências positivas e negativas na dinâmica familiar. Se por um lado, a satisfação pode aumentar através do reconhecimento e sucesso do papel maternal – no caso das mulheres (Tavakol et al., 2017). Por outro, a chegada de uma criança é considerada, sobretudo, um período de “crise” (Barros, 2022) e parece diminuir a satisfação e bem-estar de um casal (Cui & Donnellan, 2009; Mtnick et al., 2009; Steinberg & Silverberg, 1987; Twenge et al., 2003). Este é um processo de adaptação e transformação ao nível biológico, psicológico, sociocultural e financeiro (Barros, 2022; Hansen, 2012; Stanca, 2012). Especialmente, porque estas alterações responsabilizam o indivíduo para reorganizar e reavaliar diversos aspetos da sua vida (e.g., a individualidade, conjugalidade e a família; Ahlborg et al., 2005; Bernardi et al., 2020; Canavarro, 2001; Figueiredo & Lamela, 2014; Rosen et al., 2017).

Algumas investigações revelam que o nível de habilitações académicas se associa à SC como um fator preditivo. Isto, pode ser clarificado pelo melhor do funcionamento social em consequência do aumento da educação (Tavakol et al., 2017). Altos níveis de capacitação oferecem aos indivíduos uma maior aptidão de processamento e operacionalização da informação, sendo estes mais controlados, persistentes e contidos (Costa et al., 2016). A título de exemplo, num estudo de uma amostra de 10.000 participantes americanos, aferiu-se que as taxas de término são menores quando o nível de educação dos parceiros aumenta. Pelo contrário, num estudo de 787 belgas, não foram encontradas associações significativas entre a educação e a SC (Call & Heaton, 1997; Dobrowolska et al., 2020).

O trabalho e a família têm sofrido transformações ao nível da evolução cultural e social. Se antigamente a família tradicional era composta por um homem que exercia funções laborais e uma mulher que desempenhava tarefas domésticas, atualmente a mulher exerce um papel, neste caso laboral, muito semelhante ao do homem. Sendo o anterior sistema parcialmente desmistificado (Neves, 2021). O facto de ambos os cônjuges terem uma situação laboral ativa tem repercussões – através da sobrecarga doméstica, do stress e dos dilemas de identidade – podendo provocar um decréscimo na satisfação do casal (cf. Rapoport et al., 1976). Ainda assim, as mulheres que estão empregues valorizam a comunicação com os parceiros, têm uma melhor sensação de bem-estar mental, físico e com a vida (Burke & Weir, 1976). Estudos mais recentes sugerem que a família com “dupla carreira”, em que o homem e a mulher trabalham, é

mais bem-sucedida e equilibrada, fornecendo um estilo de vida positivo (Govaerts & Dixon, 1998).

A SC pode ser influenciada pela idade, isto é, quanto mais a idade aumenta, mais a satisfação tende a diminuir, e vice-versa (Tavakol et al., 2017). Por outro lado, comparativamente a casais adultos, casais idosos tendem a reportar menos problemas, podendo associar-se o aumento de insatisfação à parentalidade, responsabilidades acrescidas, problemas financeiros e à educação dos filhos (Tavakol et al., 2017).

O consumo excessivo de álcool pode assentar como uma problemática tanto para o indivíduo como para os elementos do sistema familiar (Ferreira-Borges & Cunha-Filho, 2000; Roussaux et al., 2002; Silva, 2002). Uma vez que, o álcool tende a provocar falhas na comunicação entre o casal gerando uma percepção de insatisfação (Fleming, 2001). O consumo de álcool e drogas assumem uma relação bidirecional com a (in)satisfação, uma vez que a SC pode levar ao consumo (Pereira et al., 2020).

Por último, a saúde, física e mental, é um fator que pode impactar a satisfação dos parceiros, assumindo também uma posição bidirecional (Tavakol et al., 2017). Deste modo, indivíduos com perturbações obsessivo-compulsivas, depressão, ansiedade e perturbação de humor têm a SC negativamente afetada (Tavakol et al., 2017).

Casais mais satisfeitos com a relação parecem ser funcionais (Norgren et al., 2004) e, portanto, tendem a utilizar estratégias construtivas de resolução de conflitos, tendo uma relação satisfatória (Greeff & Bruyne, 2000) o que favorece o desenvolvimento saudável dos seus filhos (Dessen & Braz, 2005; Duarte, 2011). De outro modo, relações pautadas por VB, são caracterizadas por menor uma satisfação e qualidade (Dokkedahl & Eklit, 2019; Hammett et al., 2017; Marcus, 2012; Yucel, 2018; Yucel & Koydemir, 2015), possuindo características violentas. Geralmente estes indivíduos procuram parceiros com características semelhantes (Gray & Foshee, 1997), podendo aumentar o risco, por exemplo, para doenças psíquicas ou físicas (Mills-Koonce et al., 2020; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Whisman, 2001).

Pertinência e Objetivos do Estudo

As relações de intimidade são aspetos importantes da experiência humana, conduzindo-os a sentimentos de realização, bem-estar, apoio e conexão (Dobrowolska et al., 2020; Gomes & Sá, 2021; Howe, 2002; Norgren et al., 2004; Rosado & Wagner,

2015; Scorsolini-Comin, & Santos, 2010). Sabemos que, comparativamente a adultos solteiros, pessoas casadas são mais saudáveis (Neves & Duarte, 2015). Ainda assim, as relações podem ter associadas várias consequências (Mills-Koonce et al., 2020; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Whisman, 2001) nomeadamente a violência. Atualmente, sabe-se que a tipologia mais frequente de VRI é a VB (Hu et al., 2019; Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Lascorz et al., 2020; Machado et al., 2019; Pu et al., 2022).

Deste modo, parceiros com maior satisfação na relação – e menos discórdia – parecem não praticar comportamentos agressivos (Haack et al., 2018), ter sofrido menos adversidades, terem uma melhor comunicação, prestarem mais apoio mútuo ou *coping* diádico, terem menos sintomas de angústia psicológica e, consequentemente, melhor saúde (Dobrowolska et al., 2020; Whisman et al., 2004).

Assim, torna-se imprescindível investigar o impacto que a VB exerce nas relações de intimidade avaliando os preditores de SC dos parceiros numa relação íntima (Diener, Gohm, Suh & Oishi, 2000; Robles & Kiecolt-Glaser, 2003; Tam & Lim, 2008; Ulloa & Hammet, 2005; Whisman, 2001). Embora a SC, seja um construto complexo, é cada vez mais um desejo conjugal (Duarte, 2011; Panuzio & DiLillo, 2010; Rosado & Wagner, 2015).

Face à escassez e à desproporcionalidade da investigação existente relativa à VB e SC (Panuzio & DiLillo, 2010), este estudo torna-se fundamental, com o objetivo, de explorar as diferenças na SC em função de variáveis sociodemográficas, numa amostra de VB. Para tal, foi analisado um modelo preditivo exploratório que incluiu os potenciais preditores da SC, nomeadamente as variáveis de natureza sociodemográfica (idade, género, orientação sexual, nacionalidade, ter filhos e número de filhos, estado-civil/situação conjugal, habilitações académicas, situação profissional, rendimentos, nível socioeconómico, consumo de álcool, consumo de substâncias ilícitas, diagnóstico de perturbação mental).

Metodologia

O presente estudo apresenta um design quantitativo transversal.

Amostra

Os critérios de inclusão para participação nesta investigação foram ter idade igual ou superior a 18 anos, terem presentemente ou anteriormente mantido uma relação íntima, com duração mínima de um mês e ter residência em Portugal.

A amostra do presente estudo foi, inicialmente, composta por 781 participantes. No entanto, foram eliminados os casos em que as respostas ao questionário/variáveis de interesse se verificaram incompletas, o que resultou numa amostra total de 610 participantes. Da amostra total, 516 participantes são do sexo feminino, 92 do sexo masculino e um participante identificou-se como não-binário. A média de idades foi de 28,8 anos ($DP = 10.3$), sendo a idade mínima de 18 anos e a máxima de 68 anos.

Na tabela 1 encontram-se as características demográficas da amostra do estudo.

Tabela 1.

Dados Sociodemográficos dos Participantes (N = 610)

	N	%
Sexo		
Feminino	516	84.7
Masculino	92	15.1
Não binário	1	.2
Orientação Sexual		
Heterossexual	549	90
Lésbica	10	1.6
Queer	1	.2
Gay	8	1.3
Bissexual	30	4.9
Outra	6	1
Prefiro Não Responder	6	1
Nacionalidade		
Portuguesa	576	94.4
Brasileira	13	2.2
Cabo-Verdiana	16	2.8
Suíça	1	.2

Alemã	1	.2
Prefiro Não Responder	1	.2
Relação de Intimidade Atual?		
Sim	501	82.1
Não	106	17.4
Prefiro não responder	3	.5
Tem Filhos?		
Sim	158	25.9
Não	452	74.1
Estado Civil/Situação Conjugal		
Solteiro	412	67.5
Casado/União de Facto	158	25.9
Divorciado/Separado	35	5.7
Viúvo	1	.2
Prefiro Não Responder	3	.5
Habilitações Académicas		
2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano)	4	.7
3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)	27	4.4
Ensino Secundário (12º ano)	182	29.8
1º Ciclo do Ensino Superior/Licenciatura	263	43.1
2º Ciclo do Ensino Superior/Mestrado	129	21.1
Doutoramento	5	.8
Situação Profissional		
Empregado	300	49.2
Desempregado	54	8.9
Trabalhador-estudante	55	9
Estudante	195	32.0
Reformado	2	.3
Prefiro Não Responder	4	.7
Nível Socioeconómico		
Baixo	65	10.7
Médio-baixo	175	28.7

Médio	274	44.9
Médio-alto	44	7.2
Alto	4	.7
Prefiro Não Responder	32	5.2
Residência		
Continente	589	96.6
Ilhas	13	2.1
Local Onde Habita		
Zona Rural	143	23.4
Zona Urbana	460	75.4
Prefiro Não Responder	5	.8

Instrumentos

Foi utilizado um **Questionário Sociodemográfico** com a finalidade de recolher alguns dados relativos aos participantes, sendo que este continha diversas variáveis, nomeadamente: a idade; o género; a orientação sexual; a nacionalidade; a situação atual do relacionamento; a existência de filhos; o número de filhos; o estado-civil/situação conjugal; as habilitações académicas; a situação profissional; a profissão; os salário bruto/liquido mensal; o nível socioeconómico; o distrito de residência e local onde habita; consumos de álcool e/ou substâncias ilícitas; diagnóstico de perturbação mental e tratamento; exposição e vitimação a violência na infância/adolescência.

A **Escala de Táticas de Conflito Revista** (*The Revised Conflict Tactics Scale - CTS-2-R*) é um instrumento criado por Straus et al. (1996) e, posteriormente, adaptado à população portuguesa por Paiva e Figueiredo (2004). A CTS-2-R, um questionário de autorrelato que pode ser aplicado individualmente, com autorrelato sobre a/o companheira/o, ou em par. Tem um formato breve, sendo o tempo médio de administração de 10 a 15 minutos. A CTS-2-R permite obter dados relativos ao casal, comparar respostas quando aplicado em simultâneo e observar o número de vezes que recorrem às táticas de conflito (Paiva & Figueiredo, 2006). No total o instrumento contém 39 itens agrupados em pares de perguntas destinados ao participante e companheiro/a, perfazendo um total de 78 questões, existindo 8 opções de resposta que vão de 1 (“uma vez no último ano”) a 8 (“nunca ocorreu”), com distinção entre vitimação e perpetração.

O item 79, questiona “*Se bateu na/o sua/seu companheira/o, ou se a/o sua/seu companheira/o lhe bateu, pense na última vez que isso aconteceu. Quem foi a/o primeira/o a bater?*” cujo possui três opções de resposta “*Eu bati primeiro*”; “*A/O minha/meu companheira/o bateu primeiro*” e “*Isso nunca aconteceu*”.

A CTS-2-R, permite, ainda, aferir a prevalência anual, tendo um intervalo de resposta de 1 a 6, sendo “1) *uma vez no ano anterior*” e “6) *mais de 20 vezes no ano anterior*” e a prevalência global de ocorrências “7) *não no ano anterior, mas ocorreu anteriormente [e a inexistência deste tipo de abuso]*” e “8) *nunca aconteceu*”). Para determinar o número de ocorrências do ano anterior, tanto pelo/a participante como pelo/a companheiro/a, existem oito categorias de resposta que são agrupadas em duas partes. A primeira parte diz respeito à prevalência e cronicidade no último ano.

A CTS-2-R apresenta índices de boa validade e fidelidade. Na sua versão original (Straus et al., 1996) apresenta os seguintes valores: abuso físico sem sequelas ($\alpha = .86$); abuso físico com sequelas ($\alpha = .95$); coerção sexual ($\alpha = .87$); negociação ($\alpha = .86$); e agressão psicológica ($\alpha = .79$). Do mesmo modo na versão portuguesa, (Paiva e Figueiredo, 2004) os resultados globais obtidos para a perpetração e para a vitimação são $\alpha = .79$ e $\alpha = .80$, respetivamente. Assim, o abuso físico sem sequelas para a perpetração apresenta ($\alpha = .78$) e para a vitimação ($\alpha = .74$); o abuso físico com sequelas para a perpetração é ($\alpha = .50$) e para a vitimação o ($\alpha = .47$); a agressão psicológica para a perpetração é ($\alpha = .68$) e para a vitimação ($\alpha = .64$); a coerção sexual apresenta um ($\alpha = .56$) para a perpetração e ($\alpha = .51$) para a vitimação; por fim, a negociação tem o valor de ($\alpha = .73$) para a perpetração e ($\alpha = .71$) para a vitimação.

Na presente amostra, os valores de consistência interna foram para a vitimação ($\alpha = .87$) e para a perpetração ($\alpha = .87$), revelando-se, assim, valores de consistência interna adequados. Para a sub-escala da negociação a consistência interna foi calculada independentemente, para a perpetração ($\alpha = .73$) e para a vitimação ($\alpha = .71$).

O Inventário de Satisfação Conjugal (*Kansas Marital Satisfaction Scale – KMSS*) foi criado por Schumm et al. (1983) e, posteriormente, adaptado para a população portuguesa por Antunes et al. (2014), o KMSS avalia a satisfação com a relação, com o casamento e com o companheiro, através de três itens de autorrelato (“*Quão satisfeito/a está com a sua relação de intimidade?*”; “*Quão satisfeito/a está com o/a seu/sua companheiro/a?*”; e, “*Quão satisfeito/a está com a sua relação com o/a seu/sua*

companheiro/a?”). O instrumento é respondido através de uma escala de resposta likert, que varia entre 1 (“*extremamente insatisfeito/a*”) e 7 (“*extremamente satisfeito/a*”). A Satisfação com a Relação Íntima (SC) é, então, aferida através da soma das respostas fornecidas aos três itens, variando entre 3, no mínimo, e 21, no máximo.

O KMSS apresenta uma boa consistência interna e fiabilidade (Calahan, 1996; Crane et al., 2000; Green et al., 1998; Mitchell et al., 1983; Omani-Samani et al., 2018). Na sua versão original ($\alpha = .93$; Schumm et al., 1985, 1986, 2001, 2008) e, para a adaptação portuguesa ($\alpha = .97$; Antunes et al., 2021). Na presente amostra, o valor de consistência interna foi elevado ($\alpha = .96$).

Procedimento

Esta investigação teve previamente a aprovação da Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC), com o objetivo de verificar se cumpria todos os requisitos éticos, e assenta numa colaboração entre a Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa e a Universidade Lusófona – Centro Universitário do Porto. A amostra foi recolhida por conveniência – *online*, através da plataforma *Qualtrics*, que cumpre o Regulamento Geral Nacional de Proteção de Dados, a nível nacional. A divulgação foi realizada em redes formais como informais, através de *mailing list* institucional e em sites de redes sociais (e.g., *Facebook* e *Reddit*).

Previamente à recolha de dados foi apresentado o *consentimento informado* que continha os objetivos do estudo, a natureza voluntária da participação no estudo e a informação de sigilo e dados confidenciais, que foram armazenados num local seguro através de uma palavra-chave. Estava ainda referido que os dados apenas seriam acessíveis para os membros da equipa posteriormente à remoção de qualquer identificação do participante.

Como forma de atenuar o possível impacto negativo da resposta à recolha de dados do protocolo (realçando que inclui questões relacionadas a temas sensíveis e experiências negativas), foram disponibilizados os contactos da equipa de investigação e os contactos de agências de apoio gratuitas para alguma posterior necessidade de apoio psicológico, socia e jurídico ou para ter acesso a informação sobre estes fenómenos.

Análise de Dados

Após a recolha dos dados, ou seja, depois de serem inseridos os protocolos na plataforma *Qualtrics*, foram transferidos e analisados quantitativamente através de análise estatística na plataforma de software IBM® SPSS® Statistics (SPSS), versão 28.0. Inicialmente foi realizada uma análise descritiva com medidas de tendência central (i.e., média [*M*]) e medidas de dispersão (i.e., desvio-padrão [*DP*], valores mínimos [*Min*] e máximos [*Max*]) para a caracterização sociodemográfica da amostra.

Relativamente à análise inferencial, foi adotado o critério de decisão, que caso o *p-value* seja igual ou inferior a 5% (0.05), é rejeitada a hipótese nula e aceite a hipótese alternativa. Caso o *p-value* seja superior a 5%, a hipótese nula é aceite. Em primeiro lugar, para verificar os níveis de consistência interna da amostra, foram agrupados os itens da CTS-2-R por “perpetração global” e “vitimação global”, consoante o seu conteúdo, agruparam-se também os três itens da KMSS e realizam-se os *alphas* de cada instrumento.

Depois, pela temática desta investigação se debruçar na VB, foi necessário a recodificação de uma nova variável para proceder à verificação deste padrão de violência no estudo. Para isto, através das variáveis “vitimação” e “perpetração”, considerando-se a prevalência anual, já existentes na base de dados, categorizou-se a nova variável “direcionalidade” em 3 categorias: 0 = nenhuma violência (i.e., participantes que não reportaram ser vítimas nem perpetradores de nenhum tipo de violência); 1 = VB (i.e., participantes que revelaram ter comportamentos de perpetração e vitimação); 2 = VU (i.e., participantes que são ou perpetradores ou vítimas de violência).

Pela necessidade de ter uma variável da SC, foi recodificada uma nova variável para tal, através da soma dos três itens do instrumento que mede a SC – KMSS.

Após estes procedimentos, foram realizados testes estatísticos, paramétricos e não paramétricos, considerando a natureza das variáveis da investigação, os pressupostos de cada teste e o objetivo em estudo. Deste modo, antes de ser realizada qualquer análise, foi colocado um filtro na base de dados, de modo a ser apenas estudada a porção da amostra que reportou VB. Posteriormente, procedeu-se às análises de correlação (i.e., correlação de Pearson [entre a idade e a SC], correlação de Spearman [entre a SC e as habilitações académicas], correlação do ponto-bisserial [entre: o género, ter filhos, ter uma relação atual de intimidade, consumo de álcool, consumo de substâncias ilícitas,

diagnóstico de perturbação mental e a SC] e teste qui-quadrado [entre a SC e: o estado-civil, a orientação sexual, a situação profissional]) de modo a verificar quais as variáveis sociodemográficas que teriam um impacto significativo para na SC (i.e., o valor do p value deve ser igual ou menor que 5% (0.05) para se rejeitar a hipótese nula). Posteriormente a realização destas análises e verificação dos resultados significativos, as variáveis “ter uma relação de intimidade atual” e “estado-civil” foram recodificadas (e.g., RECODE “estado-civil” (1 = 1) (ELSE = 0) INTO “solteiro”), e posteriormente realizou-se uma regressão hierárquica de modo a verificar se a frequência da violência poderia ter impacto na SC.

Resultados

Dos 610 participantes, 335 reportaram VB (54.9%), 204 reportaram VU (11.6%) e 71 não reportaram violência (33.4%).

Da análise da amostra de participantes que reportaram VB foram realizadas correlações ponto-bisserial entre a SC e as seguintes variáveis: “sexo” onde foi observada uma correlação positiva, mas muito fraca ($p = .039$); “tem filhos?”, verificando-se assim uma correlação positiva, mas muito fraca ($p = .011$); “encontra-se atualmente numa relação de intimidade?”, sugerindo uma correlação negativa e fraca ($p < .001$) – (cf. tabela 2).

Tabela 2.

Estatísticas Descritivas e Correlação Ponto Bisserial

Variáveis	N	M	DP	1	2	3	4
1. SC	335	16.0	5.1	-	-	-	-
2. Sexo	334	1.8	0.4	.113*	-	-	-
3. Ter filhos	335	1.7	0.4	.138*	-	-	-
4. Relação de intimidade atual	333	1.1	0.3	-.233**	-	-	-

Nota. SC = Satisfação Conjugal; * $p < .05$; ** $p < .01$

Foi realizada uma correlação de pearson entre a SC e a “idade” observando-se uma correlação negativa muito fraca ($p = .001$) – (cf. tabela 3).

Tabela 3.

Estatísticas Descritivas e Correlação de Pearson

Variáveis	N	M	DP	1	2	3	4
1. SC	335	16.0	5.1	-	-	-	-
2. Idade	333	28.6	10.2	-.179**	-	-	-

Nota. SC = Satisfação Conjugal; ** $p < .01$

Realizou-se um teste qui-quadrado entre a SC e o “estado-civil/situação conjugal” ($M = 1.3$; $DP = 0.6$) o que significa que existe uma associação significativa entre ambas ($X^2 = 58.378$; $p = .011$) – (cf. tabela 4).

Tabela 4.

Teste Qui-Quadrado

Variáveis	Válido		Casos Omissos		Total		X^2
	N	%	N	%	N	%	
SC *							
Estado-civil	333	99.4%	2	0.6%	335	100%	58.378*

Nota. SC = Satisfação Conjugal; ** $p < .01$

Foram realizadas outras correlações com as restantes variáveis do questionário sociodemográfico e a SC. Mas, dessas análises, não foram observadas associações estatisticamente significativas, nomeadamente para a orientação sexual, estado civil, habilitações académicas, nível socioeconómico, perturbação mental, consumo de álcool e substâncias ilícitas. Após estas análises existiu a necessidade de recodificar as variáveis “ter uma relação de intimidade”; e “estado-civil”, em uma variável nominal dicotómica, para ser realizada a próxima análise. Isto originou as seguintes variáveis: “numa relação”; “solteiro”, “casado”, “divorciado” e “viúvo”.

Para verificar se a frequência da violência poderia ter impacto na SC e para explorar os preditores da satisfação, foi realizada uma análise de regressão hierárquica. Para este efeito foram seleccionadas as variáveis que se correlacionavam

significativamente com a SC. Os preditores foram inseridos em dois blocos: variáveis sociodemográficas (idade, tem filhos?, casado, divorciado, género, numa relação) e frequência de perpetração e vitimação (perpetração e vitimação) - (cf. tabela 7).

O modelo com as variáveis sociodemográficas (*step 1*) apresentou-se estatisticamente significativo ($F(6, 321) = 5.095, p < .001$). Através desta análise observou-se que o contributo destas variáveis produziu um $R^2 = .087$ ($R^2_{adj} = .070$), o que sugere que 8.7% da variância total da SC é explicada por estas diferentes variáveis.

Quando se adicionaram a esta análise as variáveis da frequência de perpetração e vitimação (*step 2*), observou-se que o contributo destas produziu um $R^2 = .110$ ($R^2_{adj} = .087$), o que sugere que 11% da variância total resultou do contributo das variáveis sociodemográficas e da frequência de perpetração e vitimação. Analisando o R^2 change, verificamos que este foi de .023, o que revela que a frequência da perpetração e vitimação contribuiu com uma variância adicional de 2.3% ao modelo inicial. Atendendo a estes resultados, esta contribuição revelou-se estatisticamente significativa, $F(2, 319) = 4.077, p = .018$, assim como o modelo final, $F(8, 319) = 4.914, p < .001$ – (cf. tabela 7).

Analisadas individualmente as variáveis incluídas na predição da SC verificou-se que apenas duas variáveis contribuíram de forma significativa para o modelo, a variável estar numa relação ($p < .001$) – o que significa que quem está numa relação, tem mais SC – e a variável vitimação ($p = .009$), ou seja, os indivíduos que sofrem menos violência estão mais satisfeitos.

Tabela 7.

Modelo de regressão hierárquica com as variáveis sociodemográficas e a perpetração e vitimação

							95% CI EXP (B)		△ R ²	F
		B	S.E.	β	t	Sig.	L	U	(ΔR ² adj)	(Sig.)
Step 1	Constante	13.285	5.797		2.292	.023	1.880	24.690		
	Idade	-.078	.046	-.155	-1.708	.089	.012	.345		
	Tem filhos?	1.081	1.042	.093	1.037	.300	-.969	3.131		
	Casado	-.710	.896	-.063	-.791	.429	-.2472	1.053	.087 (.070)	5.095 (< .001)

	Divorciado	-1.516	1.844	-.058	-.822	.412	-5.144	2.112		
	Gênero	.252	.848	.018	.297	.766	-1.416	1.920		
	Numa relação	3.638	.863	.232	4.217	<.001	1.941	5.335		
Step 2	Constante	14.811	5.798		2.555	.011	3.404	26.218		
	Idade	-.069	.046	-.137	-1.509	.132	-.159	.021		
	Tem filhos?	1.137	1.035	.098	1.098	.273	-.900	3.174		
	Casado	-.775	.889	-.069	-.872	.384	-2.524	.974	.110	4.914
	Divorciado	-2.080	1.838	-.079	-1.132	.259	-5.696	1.535	(.087)	(< .001)
	Gênero	.308	.841	.021	.366	.714	-1.246	1.962		
	Numa relação	3.455	.859	.221	4.024	<.001	1.766	5.145		
	Perpetração	.043	.026	.164	1.624	.105	-.009	.094		
	Vitimação	-.063	.024	-.266	-2.617	.009	-.111	-.016		

Discussão

O presente estudo propôs-se a explorar os preditores de SC numa relação de intimidade marcada por VB. Devido à escassez de conhecimento, essencialmente nacional, este objetivo confere inovação ao estudo. A VB, embora seja o tipo de violência mais frequente (Capinha et al., 2022; Hu, et al., 2019; Hine et al., 2020a; Machado et al., 2019; Ridings et al., 2018; Sousa, 2021) é ainda uma realidade complexa, não sendo considerada nas estatísticas de violência, contrariamente à VU (Vasconcelos, 2022). Associada à VB surge ainda, neste estudo, a SC, conferindo uma maior relevância ao mesmo face à carência de investigações focadas nesta dimensão e à importância da mesma. A SC é conceptualizada como um construto que se associa à qualidade que cada um dos cônjuges atribui ao relacionamento (Afonso, 2018; Bradbury et al, 2000; Gomes & Sá, 2021; Graham et al., 2011). Ainda assim, a ciência sugere que é um construto complexo por ser maioritariamente uma questão individual e também devido às complexidades de uma relação (Duarte, 2011; Panuzio & DiLillo, 2010; Rosado & Wagner, 2015).

Este estudo corrobora que a VB é o padrão de violência prevalente (54.9%), em conformidade com a literatura (Bates et al., 2014; Capinha et al., 2022; Ridings et al., 2018; Straus, 2015). Através do mesmo, determinaram-se possíveis preditores da SC, particularmente: o estado-civil; o género e a parentalidade, demonstraram-se estatística e

positivamente correlacionados com a SC, sendo que as mulheres e quem não tem filhos estão mais satisfeitos; a idade e ter uma relação de intimidade atual, correlacionam-se negativamente com a SC, e demonstraram que, quanto menor é a idade, maior é a satisfação, do mesmo modo que ter uma relação de intimidade é satisfatório. Através da regressão hierárquica verificou-se que os casais que estão numa relação apresentam maiores níveis de satisfação e, destes, os que sofrem menos violência encontram-se também mais satisfeitos. Ainda assim, as restantes variáveis não se correlacionaram significativamente com a SC (e.g., orientação sexual, situação profissional, nível socioeconómico).

Relativamente ao género, geralmente as investigações não sugerem uma relação com a SC (Curtis et al., 2015; Panuzio & DiLillo, 2010; Williams & Frieze, 2005). Porém, as mulheres revelam maior sofrimento emocional consequente de violência, comparativamente aos homens (Makepeace, 1986; Stets & Langhinrichsen-Rohling, 1994). Assim, é possível que as mulheres registem mais declínios na satisfação depois de alguns episódios de violência, sendo a SC alterada pela vitimação (Ackerman & Field, 2011; Katz & Coblenz, 2002; Stith et al., 2007; Ulloa & Hammett, 2015; Williams & Frieze, 2005). No presente estudo, contrariamente à literatura, as mulheres reportaram níveis mais altos de satisfação comparativamente aos homens. Perante este resultado, sugiro a reflexão da questão patriarcal, parecendo atualmente ainda prevalecer (Dias, 2010). Esta “resistência” pode resultar em maior dificuldade de denúncia – do homem – por várias razões, entre elas: a dificuldade na perceção enquanto vítima e, em reconhecer determinados atos como violentos (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Machado et al., 2019; Palmetto et al., 2013), levando a uma normalização dos mesmos. O que poderá estar na origem da estabilidade da satisfação do homem. Hipotetiza-se ainda, que este resultado possa ter sido influenciado pela possível alteração dos critérios de SC com o avançar do tempo (i.e., o que anteriormente poderia satisfazer um cônjuge, atualmente pode ter sido alterado, derivado da evolução social).

Como previamente refletido, a parentalidade é uma questão que se pode associar a um decréscimo na SC, derivado das modificações e descobertas que acarreta (Cui & Donnellan, 2009; Mtnick et al., 2009; Steinberg & Silverberg, 1987; Twenge et al., 2003). Assim, nesta investigação os indivíduos que não tem filhos encontram-se mais satisfeitos. Em concordância, a literatura refere que comparativamente a casais sem filhos

– que têm mais disponibilidade – casais com filhos parecem ser menos satisfeitos com a relação (Ahlborg et al., 2005; Bernardi et al., 2020; Rosen et al., 2017). Também a desigualdade na distribuição de tarefas domésticas, inclusive, cuidar dos filhos (Dobrowolska et al., 2020), resulta em prostração (Tavakol et al., 2017), uma vez que as mulheres continuam a ser as principais responsáveis por estas tarefas, o que pode influenciar a relação. Ainda assim, este resultado pode dever-se à disparidade da amostra, sendo que a maioria (246 participantes) expressaram não ter filhos, não aferindo os níveis de SC equilibradamente. É importante ainda referir que não foi avaliado o número de filhos, as idades dos filhos, deste modo, pressupõe-se que ter um filho bebé ou um adolescente pode alterar os níveis de SC.

A SC é uma componente desejada mas complexa (Duarte, 2011; Panuzio & DiLillo, 2010; Rosado & Wagner, 2015). Deste modo, ter uma relação de intimidade é uma das componentes fulcrais na vida humana (Dobrowolska et al., 2020), podendo associar-se positivamente a qualidade de vida (Rosado & Wagner, 2015; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Wilhelm & Oliveira, 2011). Em conformidade é possível observar que pessoas casadas – estado-civil – tem uma maior satisfação (Neves & Duarte, 2015) visto terem as suas necessidades satisfeitas por um cônjuge (Norgren et al., 2004). Equitativamente à literatura, no presente estudo, as pessoas têm uma relação encontram-se mais satisfeitas (Dobrowolska et al., 2020; Gomes & Sá, 2021; Greeff & Bruyne, 2000; Magdol et al., 1998; Stets & Straus, 1990). Cerca de 88% da amostra encontra-se atualmente numa relação de intimidade. É importante referir que não foram estudadas algumas variáveis que podem exercer influência nestas variáveis (e.g., tipo de relação, duração da relação, coabitação; Holmes et al., 2019; Mennicke & Wilke, 2015).

Em conformidade com a literatura, jovens estão mais satisfeitos com a relação. Isto pode dever-se ao facto de casais adultos relatarem mais oscilações e problemas conjugais que casais mais jovens (Tavakol et al., 2017). Casais adultos, comparativamente a jovens, têm mais responsabilidades, mais preocupações, maior necessidade de adaptação às alterações da vida, o que pode gerar mais stress e uma menor satisfação entre o casal (Tavakol et al., 2017). Face a este resultado, ressalvo que a amostra em estudo é jovem – i.e., 230 participantes reportaram idades entre os 18 e os 29 anos, estando dos 30 anos aos 61 anos bastante divididos (e.g., 42 anos – 5 participantes,

53 anos – 1 participante). E, também neste tópico é importante avaliar a relação da variável idade com outras (e.g., coabitação; diferença de idades dos membros do casal).

A orientação sexual não apresentou relação com a SC neste estudo, o que foi igualmente observado na revisão da literatura (Gottman et al., 2003; Hernandez & Baylão, 2020; Kurdek, 2006; Means-Christensen et al., 2003). É importante referir a disparidade da amostra nesta variável, uma vez que, numa amostra de 335 participantes apenas 10 são homossexuais, portanto, estes resultados limitam a análise.

Face às habilitações académicas, os dados não se correlacionaram com a SC, não corroborando o conhecimento científico. A literatura demonstra, maioritariamente, que as habilitações se associam positivamente à SC (Tavakol et al., 2017), assim, casais com mais habilitações académicas, têm mais SC e consequentemente melhor saúde. Ou seja, quando os indivíduos são mais qualificados, por norma, estão mais bem preparados de modo a resolver e evitar conflitos (Call & Heaton, 1997; Costa et al., 2016). A título de exemplo, um estudo, realizado na Malásia, comprovou que, casais com habilitações literárias mais altas tinham mais satisfação na relação e melhor saúde mental quando comparados com casais com baixos níveis de habilitações académicas (Tavakol et al., 2017). Era expectável que estes resultados fossem corroborados pelo presente estudo, visto que, 218 indivíduos apresentam habilitações de ensino superior, ainda assim sugere-se que esta variável seja testada com outras de modo a estudar uma inter-relação, uma vez que por si só não foi um preditor para a SC neste estudo.

Segundo a literatura, um nível socioeconómico mais baixo pode ter influência na SC, uma vez que este fator trará constrangimentos, nomeadamente, financeiros e resultar em conflito conjugal e, consequentemente, numa diminuição da satisfação (Dobrowolska et al., 2020; Ferreira et al., 2015; Litzinger, & Gordon, 2005; Papp et al., 2009). Estes factos não foram comprovados por este estudo, podendo estar relacionado com o facto de a amostra ser maioritariamente composta por indivíduos com nível socioeconómico igual ou superior ao médio. Sendo que quando os indivíduos estão satisfeitos com os seus rendimentos, tendem a sentir-se mais felizes na relação conjugal e ser mais satisfeitos (Bernardi et al., 2020; Gomes, 2020).

Na situação profissional, a satisfação está equilibrada com a insatisfação, (Holmstrom, 1972; Rapoport et al., 1976). Isto é, embora a “dupla carreira” demonstre uma melhor consistência na dinâmica do casal, a literatura apresenta dados controversos

quanto a influência do fenómeno na SC (Govaerts & Dixon, 1998; Neves, 2021; Rapoport et al., 1976). Ainda assim, o desempenho no trabalho pode ser influenciado pela baixa SC, associando-se assim a reduções no rendimento e maior stress financeiro (Karney & Bradbury, 2005; Maisel & Karney, 2012). Os resultados desta investigação não demonstraram uma relação entre a situação profissional e a SC. Esta descoberta pode refletir, o facto de grande parte da amostra estar empregue, apenas 30 participantes estão desempregados e existem 141 participantes em condição de trabalhador-estudante ou estudante. Sendo estudantes ou trabalhadores/estudantes, percebe-se que possivelmente estes não tenham de se adaptar a outros níveis (e.g., financeiros, coabitação), podendo resultar numa melhor percepção de SC.

Uma boa saúde mental é suscetível de promover relações íntimas de qualidade, pelo contrário, acontecimentos stressantes são prováveis de as impedir (Maisel & Karney, 2012; Rosado & Wagner, 2015). A SC surge frequentemente como fator protetor para doenças psicológicas e físicas, em contrapartida, a baixa SC prejudica diferentes vertentes na vida individual (e.g., a saúde física, psíquica e o desempenho no trabalho; Tavakol et al., 2017), resultando num decréscimo na saúde dos indivíduos. Nesta amostra, 87 participantes foram diagnosticados com alguma perturbação mental e 35 destes encontram-se em tratamento. No presente estudo, o diagnóstico de uma perturbação mental não se correlacionou com a SC, o que pode ser explicado, heterogeneidade da amostra (i.e., 221 reportaram não ter sido diagnosticados com alguma perturbação) e ainda, o facto de não ser conhecida a especificidade da perturbação (i.e., diversidade de perturbações existentes). Posto isto, além de ser importante conhecer o tipo de perturbação – de modo a perceber a influência na SC – terá de ser equacionada a possibilidade de existirem mais participantes com algum tipo de perturbação mental, mas não terem efetivamente conhecimento prévio e/ou diagnóstico.

O consumo de álcool e de substâncias ilícitas, estão frequentemente ligados à perpetração de violência (Feingold et al., 2008; White & Chen, 2002). Sendo especificamente o álcool considerado um desinibidor para a violência (Leonard & Quigley, 2017), e as substâncias ilícitas um fator de risco para a mesma, tendo efeitos secundários para o indivíduo. Ainda assim, os consumos podem ser uma consequência da VB (Jackson et al., 2014; Mennicke & Wilke, 2015; Santos & Caridade, 2017). O facto de não ter sido considerado um preditor da SC, neste estudo, pode dever-se a que 162

participantes assumiram ingerir álcool, mas nenhum considerou o seu consumo problemático. À semelhança, no consumo de substâncias onde 23 participantes reportaram consumir e apenas um percecionou o consumo problemático. Este é um fator que pode estar a influenciar a satisfação devido à inconsciência dos efeitos que pode ter em cada indivíduo e no relacionamento.

Limitações

Ainda que, o presente estudo tenha mais valias para a investigação e compreensão dos preditores de satisfação conjugal em relações de intimidade marcadas por VB, possui algumas limitações inerentes à investigação que podem ter influenciado os resultados.

A amostra foi previamente recolhida durante a pandemia (SARS-COV-2) e a recolha foi online, através do *Qualtrics*. O que não confere controlo sobre quem responde, em que condições e quantas vezes a mesma pessoa responde ao estudo – a partir de outros IP's. Além disto, a divulgação do estudo foi através de redes formais e informais – limitando a amostra, nomeadamente a pessoas mais jovens, com acesso à internet e que visitam este tipo de sites. Deste modo, a amostra não é variada na faixa etária, sendo uma investigação mais limitada (Batista et al., 2021).

Ainda que, neste estudo, o anonimato esteja garantido, existe a possibilidade de distorção de repostas para o que é considerado padrão e está em concordância e é adequado para a sociedade (Andrade, 2020). O facto de não ter sido utilizada uma medida que avalie a desejabilidade social, pode ser uma limitação ao estudo e às conclusões do mesmo.

A amostra é de conveniência, podendo tornar-se imediatamente uma limitação (Andrade, 2020), e é ainda uma amostra não probabilística, pelo que não se recorre a ferramentas estatísticas (i.e., margem de erro, nível de confiança). O tamanho da amostra utilizado, 335 participantes é também diminuto, dificultando a generalização dos resultados. Além disso, existem grandes desproporcionalidades numéricas – inclusive na amostra total – em quase todas as variáveis sociodemográficas, (e.g., género (i.e., 282 mulheres e 52 homens); orientação sexual (i.e., 299 participantes heterossexuais). Segundo Jackson e colegas (2014), a desproporcionalidade de uma amostra, pode ser explicada pela tendência dos indivíduos que são vítimas de qualquer tipo de abuso, terem uma maior tendência para responder a questionários relacionados com o tema, o que pode

ter acontecido neste estudo. Ainda o facto de ser um estudo com um design transversal (e.g., que não considera o que acontece antes ou depois), pode constituir-se uma limitação, sendo importante realizarem-se estudos longitudinais neste aspeto.

Embora a CTS-2 seja um dos principais instrumentos utilizados para medir violência e conflito conjugal, devido à fidelidade dos valores de consistência interna, é alvo de críticas. Existem autores que tecem críticas à nova versão do instrumento, nomeadamente a impossibilidade de perceção do contexto e as motivações adjacentes à perpetração (Jones et al., 2017), o facto dos relatos retrospectivos terem um intervalo de um ano, o que pode condicionar a verificação precisa das taxas de violência (Paiva & Figueiredo, 2006). Posto isto, seria importante utilizar um instrumento, a par deste, que permita identificar o contexto e o que leva os indivíduos a perpetrar violência.

A ausência de uniformidade dos termos, SC e VB, tornaram a pesquisa de literatura mais complexa. Assim, urge a necessidade de uniformizar estes conceitos, visto que foram encontradas várias terminologias distintas que se referem à coocorrência de violência entre parceiros e para a satisfação com a relação íntima (Fincham & Bradburry, 1987; Mosmann et al., 2011; Rosado & Wagner, 2015; Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

Também a carência de estudos, nomeadamente nacionais, que investiguem, a influência das variáveis sociodemográficas, enquanto preditores da SC, resulta na impossibilidade de os resultados encontrados abrangerem a realidade dos casais portugueses. Assim, torna-se improtelável a investigação desta possível relação e outras adjacentes ou novas, através de outros construtos, para serem operacionalizadas estratégias adequadas à população portuguesa.

Implicações Práticas

Através das conclusões evidenciadas e uma vez que a conjugalidade é uma das experiências mais importantes para o Homem, é imprescindível a necessidade de trabalhar com casais determinados tópicos. Nomeadamente a amplificação do conhecimento da SC – construto que pode variar com o tempo (Domingos, 2008), sendo então importante investigar o que a pode aumentar ou diminuir. Do mesmo modo, imprescindível conferir maior visibilidade à problemática da VB, desconstruindo estereótipos de género e crenças patriarcais por evidencias científicas (Wu et al., 2015),

uma vez que é a tipologia de violência mais frequente (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Machado et al., 2019; Palmetto et al., 2013; Sousa, 2021).

A qualidade de um relacionamento pode ser impactada pela presença de violência (Capaldi et al., 2012; McKenry et al., 2006; Stephenson et al., 2011), além da importância do conhecimento do conceito de SC é, particularmente, relevante investigar o que leva os casais a manterem-se numa relação e sentirem-se satisfeitos, mesmo que ela tenha adversidades (Gomes, 2020). Sugere-se que esta visibilidade seja conferida através de estratégias de prevenção – campanhas nacionais, conferências acerca do fenómeno, seminários, ações de formação, atividades escolares (e.g., para pais-filhos), anúncios informativos (e.g., nas redes sociais) entre outros. Deve ainda formar-se os profissionais da área – forças policiais, técnicos e voluntários, serviços – e adotar estratégias, planos de intervenção e de sensibilização adequados. Uma vez que, este estudo demonstra que, independentemente de uma relação ter violência, a satisfação pode aumentar (Williams & Frieze, 2005). Este achado revela que a violência pode ser normalizada e resignada, o que leva a equacionar que a SC está associada a outros fatores (Bradbury et al., 2000; Lascorz et al., 2020; Teten et al., 2009; Williams & Frieze, 2005). Deste modo, é importante ser explorado e explicadas os fatores que podem aumentar a perceção de satisfação, ainda que esta não seja totalmente consistente.

Uma vez que, os jovens demonstraram ter maior SC, torna-se também importante a sensibilização dos mesmo para o tema (e.g., Neves et al., 2021). Nomeadamente, sobre o que é VB, e as distintas tipologias que lhe estão inerentes, e o que pode levá-los a estarem satisfeitos numa relação com violência (e.g., terem menos responsabilidades), de modo a dar a conhecer o impacto que esta tipologia pode ter na saúde física e mental dos intervenientes (Machado et al., 2019; Straus, 2008). Deve ser de fácil acesso informação acerca de tópicos importantes, como este, através da escola, bibliotecas, eventos e nomeadamente através da tecnologia (i.e., informações em sites, redes sociais, anúncios, etc.). De modo a ser amplamente conhecido desde muito cedo o que é, como proceder perante a situação e as possíveis consequências (Machado et al., 2019; WHO, 2021), evitando o desconhecimento e consequentemente o surgimento de novas vítimas e/ou perpetradores e permitindo que avaliem a SC adequadamente.

É importante que seja clarificado o impacto que as variáveis sociodemográficas podem ter na SC – mais conhecimento científico, contribuindo para uma avaliação e intervenção mais eficaz com o objetivo de reduzir os efeitos adversos.

Estudos Futuros

Visto que uma das grandes causas que levam ao divórcio é a insatisfação conjugal (Tavakol et al., 2017), devem ser realizadas investigações semelhantes ao presente estudo que explorem os fatores que possam ser influentes na SC, para, posteriormente, fornecer meios que aumentem o sucesso relacional.

Torna-se necessário a implementação de investigações nacionais, com amostras robustas e representativas da população, de modo a atenuar a falta de conhecimento existente acerca deste tema para a população portuguesa. Sem isto não será possível ter as condições necessárias de atuação, intervenção e prevenção na VB.

Assim, como sugestão para colmatar lacunas desta investigação, sugere-se que sejam realizados estudos longitudinais, que ofereçam mais conhecimento sobre as oscilações da violência, da satisfação e das relações de intimidade. Ainda, as amostras das investigações devem ser mais representativas, ter um maior número de participantes e ser mais homogêneas nas variáveis em estudo (i.e., sexo, orientação sexual, parentalidade, consumos, etc).

No geral as investigações acerca da relação entre a SC e a parentalidade, são realizadas com casais que tem filhos bebés. Os estudos que analisam a SC dos pais, com descendentes crianças e/ou adultos são muito limitados. Do mesmo modo, os estudos existentes focam-se maioritariamente na parte negativa da parentalidade deixando de lado a parte positiva que poderá ter numa relação de intimidade (Bernardi et al., 2020). Para colmatar esta lacuna, é importante que sejam feitos estudos com casais que tenham filhos mais velhos (e.g., na adolescência), que considerem o número de filhos e que se foquem também no lado positivo da parentalidade.

Devem realizar-se investigações que avaliem quais são os preditores da SC numa relação de VB; o que as mantém numa relação violenta; e o que as leva a sentirem-se satisfeitas, se esta pode ser afetada pela VB? Sendo imprescindível verificar a relação que as variáveis sociodemográficas podem ter nestas hipóteses. Sugere-se ainda que se avaliem novas variáveis que podem ser importantes no estudo da SC e nomeadamente a

inter-relação entre elas (e.g., personalidade, duração da relação, diferenças de idade entre os membros do casal, atributos de personalidade, religião, etc.)

Bibliografia de Referência

- Ackerman, J. M. (2012). The Relevance of Relationship Satisfaction and Continuation to the Gender Symmetry Debate. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(18), 3579– 3600. <https://doi.org/10.1177/0886260512447579>
- Aleem, S., & Danish, L. (2008). Marital satisfaction and anxiety among single and dual career women. *Journal of the Indian Academy of Applied Psychology*, 34, 141-144. <https://www.researchgate.net/publication/268378801>
- Alves, A. (2019). A saúde física e mental dos homens vítimas de violência nas relações de intimidade: uma revisão sistemática. (Dissertação de mestrado). Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. <https://hdl.handle.net/10216/123891>
- Alves, B., & Oppel, T. (2021). Violência doméstica: histórias de opressão às mulheres. Ed. 1. Dita Livros
- Andrade, C. (2020). The limitations of online surveys. *Indian journal of psychological medicine*, 42(6), 575-576. <https://doi.org/10.1177/0253717620957496>
- Antunes, N., Vieira-Santos, S., Roberto, M. S., Francisco, R., Pedro, M. F., & Ribeiro, M. T. (2021). Portuguese Version of the Kansas Marital Satisfaction Scale: Preliminary Psychometric Properties. *Marriage & Family Review*, 57(7), 647-672. <https://doi.org/10.1080/01494929.2021.1887047>
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A metaanalytic review. *Psychological Bulletin*, 126(5), 651-680. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.5.651>
- Barros-Gomes, P., Kimmes, J., Smith, E., Cafferky, B., Stith, S., Durtschi, J., & McCollum, E. (2019). The role of depression in the relationship between psychological and physical intimate partner violence. *Journal of interpersonal violence*, 34(18), 3936-3960. <https://doi.org/10.1177/0886260516673628>
- Barros, S. M. G. (2022). Satisfação conjugal e a coparentalidade ao longo do ciclo de vida da família (Dissertação de mestrado). Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/33811>

- Bates, E. A. (2016). Current controversies within intimate partner violence: Overlooking bidirectional violence. *Journal of family violence*, 31(8), 937-940.
<https://doi.org/10.1007/s10896-016-9862-7>
- Bates, E. A. (2019). “No one would ever believe me”: An exploration of the impact of intimate partner violence victimization on men. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(4). <https://doi.org/10.1037/men0000206>
- Bates, E. A., Klement, K. R., Kaye, L. K., & Pennington, C. R. (2019). The Impact of Gendered Stereotypes on Perceptions of Violence: A Commentary. *Sex Roles*, 81(1-2), 34–43. <https://doi.org/10.1007/s11199-019-01029-9>
- Batista, B., Rodrigues, D., Moreira, E., & Silva, F. (2021). Técnicas de recolha de dados em investigação: inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista. *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados*, 2, 13-36.
<https://www.researchgate.net/publication/349822655>
- Bernardi, D., Dantas, C. R., & Féres-Carneiro, T. (2020). Marital Satisfaction and Freedom: Perceptions of Married Subjects about the Absence of Children. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1-15.
<http://doi.org/10.36298/gerais2020130111>
- Bosco, S. C., Robles, G., Stephenson, R., & Starks, T. J. (2022). Relationship power and intimate partner violence in sexual minority male couples. *Journal of interpersonal violence*, 37(1-2), NP671-NP695. <https://doi.org/10.1177/0886260520916271>
- Burelomova, A. S., Gulina, M. A., & Tikhomandritskaya, O. A. (2018). Intimate Partner Violence: An Overview of the Existing Theories, Conceptual Frameworks, and Definitions. *Psychology in Russia: State of the Art*, 11(3), 128–144.
<https://doi.org/10.11621/pir.2018.0309>
- Capaldi, D. M., & Langhinrichsen-Rohling, J. (2012). Informing intimate partner violence prevention efforts: Dyadic, developmental, and contextual considerations. *Prevention Science*, 13, 323-328. <https://doi.org/10.1007/s11121-012-0309-y>
- Capaldi, D. M., Shortt, J. W., Tiberio, S. S., & Low, S. (2018). Violence begets violence: Addressing the dual nature of partner violence in adolescent and young adult

- relationships. In Adolescent dating violence (pp. 341-364). *Academic Press*.
<https://doi.org/10.1016/B978-0-12-811797-2.00014-1>
- Capinha, M., Rijo, D., Pereira, M., & Matos, M. (2022). The Prevalence, Directionality, and Dyadic Perpetration Types of Intimate Partner Violence in a Community Sample in Portugal: a Gender-Inclusive Inquiry. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 1-18. <https://doi.org/10.1007/s10610-022-09514-w>
- Cardão, S. P. (2022). O impacto da violência bidirecional na satisfação com a relação íntima. (Dissertação de mestrado). Universidade Lusófona. Centro Universitário de Lisboa. <https://hdl.handle.net/10437/13547>
- Cardoso, B. L. A., & Costa, N. (2019). Marital social skills and marital satisfaction of women in situations of violence. *Psico-USF*, 24, 299-310.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712019240207>
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113.
<https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>
- Costa, D., Hatzidimitriadou, E., Ioannidi-Kapolou, E., Lindert, J., Soares, J. J. F., Sundin, Ö., Toth, O. & Barros, H. (2016). Male and female physical intimate partner violence and socio-economic position: a cross-sectional international multicentre study in Europe. *Public health*, 139, 44-52. <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2016.05.001>
- Curtis, D. S., Epstein, N. B., & Wheeler, B. (2015). Relationship Satisfaction Mediates the Link Between Partner Aggression and Relationship Dissolution. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(8), 1187–1208. <https://doi.org/10.1177/0886260515588524>
- Dahlberg, L. L. e Krug, E. G. (2006). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- de Matos, M. A. V. (2006). Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher. (Dissertação de Doutoramento). Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5735/1/Tese.pdf>

- Dias, A. C. P., Lemos, L. O., & Garcia, I. Q. C. (2017). Vinculação e esquemas mal adaptativos precoces em vítimas de violência nas relações de intimidade. (Dissertação de Mestrado). ISMT. <https://doi.org/10.1177/0022022100031004001>
- Diener, E., Gohm, C. L., Suh, E., & Oishi, S. (2000). Similarity of the relations between marital status and subjective well-being across cultures. *Journal of cross-cultural psychology*, 31(4), 419-436. <https://doi.org/10.1177/0022022100031004001>
- Dobrowolska, M., Groyecka-Bernard, A., Sorokowski, P., Randall, A. K., Hilpert, P., Ahmadi, K., ... & Sorokowska, A. (2020). Global perspective on marital satisfaction. *Sustainability*, 12(21), 8817. <https://doi.org/10.3390/su12218817>
- Dokkedahl, S., & Elklit, A. (2019). Understanding the mutual partner dynamic of intimate partner violence: A review. *Partner Abuse*, 10(3), 298-335. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.10.3.298>
- Dokkedahl, S., Kok, R. N., Murphy, S., Kristensen, T. R., Bech-Hansen, D., & Elklit, A. (2019). The psychological subtype of intimate partner violence and its effect on mental health: protocol for a systematic review and meta-analysis. *Systematic Reviews*, 8(1). <https://doi.org/10.1186/s13643-019-1118-1>
- Domingos, P. M. (2008). Conjugalidade ética: proximidade e satisfação conjugal apercebida pelo alcoólico e sua relação com a motivação para a mudança (Doctoral dissertation). Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. <https://hdl.handle.net/10451/887>
- Duarte, C. (2005). Percepções de conflito e violência conjugal. (Dissertação de Doutoramento). Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19957/2/29473.pdf>
- Faleiros, F., K  ppler, C., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. D. C., Goes, F. D. S. N. D., & Cucick, C. D. (2016). Uso de questionário online e divulga  o virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 25. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014>
- Fernández-Montalvo, J., López-Go  ni, J., Arteaga, A., & Haro, B. (2019). Gender differences in unidirectional and bidirectional intimate partner violence in addictions.

- The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 46(2), 194-202.
<https://doi.org/10.1080/00952990.2019.1660886>
- Ferreira, S. I., Pedro, M. F., & Francisco, R. (2015). Entre marido e mulher, a crise mete a colher: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 29(1), 11-22. <http://hdl.handle.net/10451/16012>
- Fortin, I., Guay, S., Lavoie, V., Boisvert, J. M., & Beaudry, M. (2012). Intimate partner violence and psychological distress among young couples: Analysis of the moderating effect of social support. *Journal of Family Violence*, 27(1), 63-73.
<https://doi.org/10.1007/s10896-011-9402-4>
- Gelles, R. J. (2016). Intimate violence and abuse in families. Ed. 4. Oxford University Press.
- Greeff, A. P., & Bruyne, T. (2000). Conflict management style and marital satisfaction. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 26, 321-334.
<http://doi.org/10.1080/009262300438724>
- Gomes, T. E. A. (2020). Satisfação Conjugal, Satisfação Sexual e Imagem Corporal Em Casais: Estudo Exploratório (Dissertação de Doutoramento). Universidade do Porto.
- Gomes, L. E. S., & Sá, L. G. C. D. (2021). Quais são as relações entre esquemas iniciais desadaptativos, habilidades sociais e satisfação conjugal?. *Pensando famílias*, 25(2), 65-80. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Govaerts, K., Dixon, D.N. (1998) ... until careers do us part: Vocational and marital satisfaction in the dual-career commuter marriage. *Int J Adv Counselling*, 11, 265–281. <https://doi.org/10.1007/BF00117685>
- Hegarty, K., Hindmarsh, E. D., & Gilles, M. T. (2000). Domestic violence in Australia: definition, prevalence and nature of presentation in clinical practice. *The Medical Journal of Australia*, 173(7), 363-367.
- Hegarty, K., D Hindmarsh, E., & T Gilles, M. (2000). Domestic violence in Australia: definition, prevalence and nature of presentation in clinical practice. *The Medical Journal of Australia*. 173(7), 363-

367. <https://www.mja.com.au/journal/2000/173/7/domestic-violence-australia-definition-prevalence-and-nature-presentation>
- Hernandez, J. A. E., & Baylão, V. L. D. A. (2020). Papéis sexuais, amor e satisfação conjugal em indivíduos heterossexuais e homossexuais. *Psico-USF*, 25, 27-38. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250103>
- Heyman, R. E., Slep, A. M. S., Giresi, J., & Baucom, K. J. (2022). Couple conflict behavior: Disentangling associations with relationship dissatisfaction and intimate partner violence. *Journal of Family Issues*. <https://doi.org/10.1177/0192513X221123787>
- Hine, B., Noku, L., Bates, E. A., & Jayes, K. (2022). But, who is the victim here? Exploring judgments toward hypothetical bidirectional domestic violence scenarios. *Journal of interpersonal violence*, 37(7-8). <https://doi.org/10.1177/0886260520917508>
- Hine, B., Noku, L., Bates, E. A., & Jayes, K. (2020b). But, Who Is the Victim Here? Exploring Judgments Toward Hypothetical Bidirectional Domestic Violence Scenarios. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626052091750. <https://doi.org/10.1177/0886260520917508>
- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of Violence against Women. *Journal of Marriage and the Family*, 57(2), 283. <https://doi.org/10.2307/353683>
- Johnson, M. P. (2005). Domestic Violence: It's Not About Gender-Or Is It? *Journal of Marriage and Family*, 67(5), 1126–1130. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2005.00204.x>
- Johnson, M. P. (2006a). Conflict and control: Gender symmetry and asymmetry in domestic violence. *Violence against Women*, 12(11), 1003–1018. <https://doi.org/10.1177/1077801206293328>
- Katz, J., Kuffel, SW & Coblenz, A. (2002). Existem diferenças de gênero na manutenção da violência no namoro? Um exame de frequência, gravidade e satisfação no relacionamento. *Jornal de Violência Familiar*, 17, 247–271 <https://doi.org/10.1023/A:1016005312091>

- Langhinrichsen-Rohling, J., McCullars, A., & Misra, T. A. (2012). Motivations for men and women's intimate partner violence perpetration: A comprehensive review. *Partner Abuse*, 3(4), 429-468. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.4.429>
- Langhinrichsen-Rohling, J., Misra, T. A., Selwyn, C., & Rohling, M. L. (2012). Rates of bidirectional versus unidirectional intimate partner violence across samples, sexual orientations, and race/ethnicities: A comprehensive review. *Partner Abuse*, 3(2), 199-230. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.199>
- Lascorz, A., Yubero, S., & Larrañaga, E. (2020). Subtle Psychological Violence and Couple Satisfaction among University Students. *Open Journal of Social Sciences*, 08(03), 364-382. <https://doi.org/10.4236/jss.2020.83033>
- Laskey, P., Bates, E. A., & Taylor, J. C. (2019). A systematic literature review of intimate partner violence victimisation: An inclusive review across gender and sexuality. *Aggression and Violent Behavior*, 47, 1-11
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.02.014>
- Lawson, J. (2012). Sociological Theories of Intimate Partner Violence. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 22(5), 572-590.
<https://doi.org/10.1080/10911359.2011.598748>
- Leonard, K. E., & Quigley, B. M. (2017). Thirty years of research show alcohol to be a cause of intimate partner violence: Future research needs to identify who to treat and how to treat them. *Drug and alcohol review*, 36(1), 7-9.
<https://doi.org/10.1111/dar.12434>
- Levenson, R. W., & Gottman, J. M. (1985). Physiological and affective predictors of change in relationship satisfaction. *Journal of personality and social psychology*, 49(1), 85. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.49.1.85>
- Litzinger, S., & Gordon, K. C. (2005). Exploring relationships among communication, sexual satisfaction, and marital satisfaction. *Journal of sex & marital therapy*, 31(5), 409-424. <https://doi.org/10.1080/00926230591006719>
- Lourenço, N., & Carvalho, M. J. L. (2001). Violência doméstica: Conceito e âmbito. *Tipos e espaços de violência*. <https://hdl.handle.net/10884/407>

- Love, H. A., Spencer, C. M., May, S. A., Mendez, M., & Stith, S. M. (2020). Perpetrator risk markers for intimate terrorism and situational couple violence: A meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(5), 922-931.
<https://doi.org/10.1177/1524838018801>
- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2016). Help-seeking and needs of male victims of intimate partner violence in Portugal. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(3), 255.
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2019). The prevalence of BiDirectional intimate partner violence reported by Portuguese men. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 57, 83-90.
<https://doi.org/10.1016/j.ijlcj.2019.03.002>
- Machado, A., Sousa, C., & Cunha, O. (2023). Bidirectional violence in intimate relationships: a systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15248380231193440.
<https://doi.org/10.1177/15248380231193440>
- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., & Silva, P. A. (1998). Hitting without a license: Testing explanations for differences in partner abuse between young adult daters and cohabitators. *Journal of Marriage and the Family*, 41-55.
<https://doi.org/10.2307/353440>
- Maisel, N. C., & Karney, B. R. (2012). Socioeconomic status moderates associations among stressful events, mental health, and relationship satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 654–660. <https://doi.org/10.1037/a0028901>
- Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). Violência doméstica: compreender para intervir: Guia de boas práticas para profissionais de saúde.
- Marchand, J. F., & Hock, E. (2000). Avoidance and attacking conflict-resolution strategies among married couples: Relations to depressive symptoms and marital satisfaction. *Family Relations*, 49, 201- 206. <http://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00201.x>
- Messinger, A. M. (2018). Bidirectional Same-Gender and Sexual Minority Intimate Partner Violence. *Violence and Gender*, 5(4), 241–249.
<https://doi.org/10.1089/vio.2018.0001>

- Mills-Koonce, W. R., Cao, H., Heilbron, N., & Cox, M. J. (2020). Marital relationship and early development. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-809324-5.05838-7>
- Miura, P. O., Silva, A. C. D. S., Pedrosa, M. M. M. P., Costa, M. L., & Nobre Filho, J. N. (2018). Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. *Psicologia & Sociedade*, 30. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30179670>
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16, 315-325. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>
- Neto, O. D., & Féres-Carneiro, T. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: marcadores e preditores. *Interação em Psicologia*, 14(2). <http://doi.org/10.5380/psi.v14i2.15402>
- Neves, Â. S. C. (2021). O conflito trabalho-família-estudos em trabalhadores-estudantes. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto. Faculdade de Economia.
- Neves, A., & Duarte, C. (2015). Sintomas depressivos, resolução de conflitos e satisfação conjugal em indivíduos num relacionamento. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 16(3), 331-344. <http://doi.org/10.15309/15psd160305>
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9, 575-584. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. v. 36, p. 75-107. <https://hdl.handle.net/1822/4211>
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2006) Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática* – 2006, 8(2):14-39. <https://www.researchgate.net/publication/307534660>
- Palmetto, N., Davidson, L., & Rickert, V. (2013). Predictors of Physical Intimate Partner Violence in the Lives of Young Women: Victimization, Perpetration, and Bidirectional Violence. *Violence and Victims*, 28(1), 103-121. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.28.1.103>

- Pereira, C. A. D. A., Gomes, M. D. C., & Faria, M. R. G. V. D. (2020). Variáveis determinantes da satisfação conjugal na contemporaneidade. (Dissertação de mestrado publicada). Centro Universitário de Anápolis.
<https://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/11262>
- Pu, D. F., Rodriguez, C. M., & Dimperio, M. D. (2022). Factors distinguishing reciprocal versus nonreciprocal intimate partner violence across time and reporter. *Journal of interpersonal violence*, 37(15-16), NP13654-NP13684.
<https://doi.org/10.1177/08862605211001475>
- Rakovec-Felser, Z. (2014). Domestic violence and abuse in intimate relationship from public health perspective. *Health Psychology Research*, 2(3).
<https://doi.org/10.4081/hpr.2014.1821>
- Rosado, J. S., & Wagner, A. (2015). Qualidade, ajustamento e satisfação conjugal: revisão sistemática da literatura. *Pensando famílias. Porto Alegre*. Vol. 19, n. 2 (dez. 2015), p. 21-33. <https://hdl.handle.net/10183/150296>
- Sá, C. L. S. (2020). A vitimação secundária na interação entre as vítimas de violência nas relações de intimidade e o sistema de justiça criminal. (Dissertação de mestrado publicada). Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/131170/2/434220.pdf>
- Santos, A. M. R., & Caridade, S. M. M. (2017). Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. *Trends in Psychology*, 25, 1341-1356. <https://doi.org/10.9788/TP2017.3-19>
- Santos, M. S. D., Luz, S. K., & Dias-Viana, J. L. (2021). Religiosidad y Satisfacción Marital: Percepciones de las parejas evangélicas. *Psicologia para América Latina*, (36), 193-203. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2021000200009&lng=pt&tlng=.
- Schumm, W. R., Paff-Bergen, L. A., Hatch, R. C., Obiorah, F. C., Copeland, J. M., Meens, L. D., & Bugaighis, M. A. (1986). Concurrent and discriminant validity of the Kansas Marital Satisfaction Scale. *Journal of Marriage and the Family*, 381-387.
<https://doi.org/10.2307/352405>

Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2010). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 525-532.
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015>

Shortt, J. W., Capaldi, D. M., Kim, H. K., & Laurent, H. K. (2010). The effects of intimate partner violence on relationship satisfaction over time for young at-risk couples: The moderating role of observed negative and positive affect. *Partner abuse*, 1(2), 131-151. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.1.2.131>

Silva, M. F. C. M. D. (2022). Violência bidirecional: a prevalência do fenómeno em estudantes universitários em Portugal. (Dissertação de Mestrado Publicada). Universidade Lusófona. Centro Universitário de Lisboa.
<https://hdl.handle.net/10437/12789>

Sistema de Segurança Interna. (2022). Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) – Ano 2022. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDazMAQAhxRa3gUAAAA%3d>

Stets, J. E., & Straus, M. A. (1989). The marriage license as a hitting license: A comparison of assaults in dating, cohabiting, and married couples. *Journal of family violence*, 4, 161-180. <https://doi.org/10.1007/BF01006627>

Sousa, C. A. A. D. (2021). A violência bidirecional em relações de intimidade: uma revisão sistemática. (Dissertação de mestrado publicada). Centro Universitário de Lisboa. Universidade Lusófona. <https://hdl.handle.net/10437/12663>

Stith, S. M., Green, N. M., Smith, D. B., & Ward, D. B. (2008). Marital satisfaction and marital discord as risk markers for intimate partner violence: A meta-analytic review. *Journal of family violence*, 23(3), 149-160. <https://doi.org/10.1007/s10896-007-9137-4>

Straus, M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Children & Youth Services Review*, 30, 252-275.
<https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2007.10.004>

Straus, M. A & Hamby, S. L. & Boney-McCoy, S. & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and Preliminary Psychometric

- Data. *Journal of Family Issues - J FAM ISS*. 17. 283-316.
<https://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Tavakol, Z., Nasrabadi, A. N., Moghadam, Z. B., Salehiniya, H., & Rezaei, E. (2017). A review of the factors associated with marital satisfaction. *Galen medical journal*, 6(3), 197-207. <https://doi.org/10.31661/gmj.v6i3.641>
- Ulloa, E. C., & Hammett, J. F. (2015). Temporal Changes in Intimate Partner Violence and Relationship Satisfaction. *Journal of Family Violence*, 30(8), 1093–1102.
<https://doi.org/10.1007/s10896-015-9744-4>
- Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M. e Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: Crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(11), 95-103. <https://doi.org/10.12707/RIII12120>
- Walsh, T. B., Seabrook, R. C., Tolman, R. M., Lee, S. J., & Singh, V. (2020). Prevalence of intimate partner violence and beliefs about partner violence screening among young men. *The Annals of Family Medicine*, 18(4), 303-308.
<https://doi.org/10.1370/afm.2536>
- Warmling, D., Araújo, C. A. H. D., Lindner, S. R., & Coelho, E. B. S. (2021). Qualidade de vida de mulheres e homens idosos em situação de violência por parceiro íntimo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 24.
<https://doi.org/10.1590/1981-22562020024.200268>
- Wilhelm, F. A., & Oliveira, M. D. (2011). Fatores indicados por casais que facilitam ou impedem o relacionamento conjugal satisfatório. *Revista Caminhos*, 2(1), 173-186. ISSN - 2236-4552.
<https://siteunidavi.s3.amazonaws.com/revistaCaminhos/humaniadeano2.pdf>
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of violent relationships, psychological distress, and marital satisfaction in a national sample of men and women. *Sex Roles*, 52(11), 771-784. <https://doi.org/10.1007/s11199-005-4198-4>
- Whisman, M. A. (2001). The association between marital dissatisfaction and depression. In S. R. H. Beach (Ed.), *Marital and family processes in depression: A scientific foundation for clinical practice* (pp. 3-24). Washington, DC: American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037//00022-006X.69.1.125>

- Whisman, M. A., & Uebelacker L. A. (2009). Prospective associations between marital discord and depressive symptoms in middle-aged and older adults. *Psychology and Aging*, 24, 184-189. <https://doi.org/10.1037/a0014759>
- World Health Organization [WHO]. (2012). Understanding and addressing violence against women.
- World Health Organization [WHO]. (2017). Fact sheet on violence against women. Geneva: World Health Organization. <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violence-againstawomen>.
- Vasconcelos, D. F. R. (2022). Violência bidirecional em relações de intimidade e percepções acerca da relação pais-filhos. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário do Porto. Universidade Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/14105>